

E-book

Artigos
Relatos
Posters



*Investigação,
Práticas
e Contextos
em Educação
2020*

Hélia Gonçalves Pinto
Maria Isabel Pinto Simões Dias
Maria Odília de Jesus Almeida Abreu
Dina Catarina Duarte Alves
Romain Gillain
Orgs.



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

TÍTULO

Investigação, Práticas e Contextos em Educação – 2020

ORGANIZADORES

Hélia Gonçalves Pinto (Afiliação: CI&DEI/ESECS/PL - Ciência ID: B211-F250-98AF)

Maria Isabel Pinto Simões Dias* (Afiliação: CIEQV/ESECS/PL - Ciência ID: 521C-3569-D044)

Maria Odília de Jesus Almeida Abreu (Afiliação: CIEQV/ESECS/PL - Ciência ID: 4517-59B2-2EAD)

Dina Catarina Duarte Alves (Afiliação: CHSC/ESECS/PL - Ciência ID: 7813-5E94-3C49)

Romain Gillain (Afiliação: CI&DEI/ESECS/PL - Ciência ID: 3514-9BEE-DD4D)

EDIÇÃO

ESECS / Politécnico de Leiria

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL

Leonel Brites

PAGINAÇÃO

Leonel Brites

Luís Santos

ISBN

978-989-8797-72-8

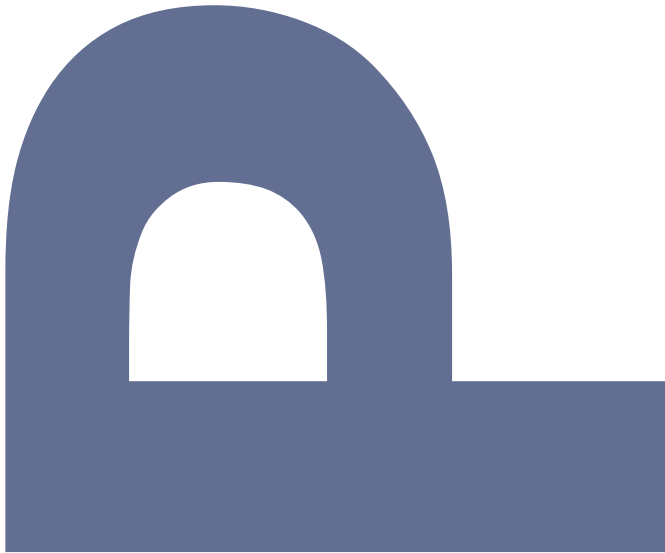
Edição Eletrónica

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Instituto

Politécnico de Leiria © 2020

A originalidade dos textos apresentados é da exclusiva
responsabilidade dos seus autores.

*Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação
para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Estímulo ao Emprego
Científico – Apoio Institucional- CEECINST/00051/2018



E-book

*Investigação,
Práticas
e Contextos
em Educação
2020*

Hélia Gonçalves Pinto
Maria Isabel Pinto Simões Dias
Maria Odília de Jesus Almeida Abreu
Dina Catarina Duarte Alves
Romain Gillain

Orgs.

Introdução

- 9** *Preâmbulo*
- 11** *Prefácio*
- 15** *Introdução*
- ARTIGOS**
- 19** *Percursos didáticos interdisciplinares no 2.º Ciclo do Ensino Básico: uma abordagem logocêntrica*
Noémia Jorge
- 24** *Características da descrição em textos de alunos de 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*
Noémia Jorge, Paula Cristina Ferreira
- 35** *Dislexia: Da incompreensão à aceitação*
Cheila Roça
- 42** *Organização e Tratamento de Dados em Educação Pré-Escolar*
Inês de Melo Correia, Marina Rodrigues
- 53** *A aprendizagem de uma língua estrangeira por adultos: um público particular para uma aprendizagem particular*
Maria João Gama, Sílvia Espada
- 62** *Ideias matemáticas em contexto de creche: evidências da Prática Pedagógica*
Mariana Sofia Ferreira Catarino, Isabel Simões Dias
- 69** *Bem-estar emocional: Evidências da Prática Pedagógica em Contexto de Creche*
Beatriz Vicente, Isabel Simões Dias
- 78** *Competências Pessoais e Sociais – Assertividade em Educação*
Sónia Alexandre Galinha, Paula Fortunato Vaz
- 82** *Géneros textuais e interdisciplinaridade nas Aprendizagens Essenciais*
Luís Barbeiro, Fausto Caels, Ângela Quaresma
- 91** *O desenvolvimento da lateralização e da lateralidade em crianças com 5 e 6 anos de idade*
Mariana Santos, Marina Rodrigues
- 100** *O desenvolvimento da capacidade de subitizing em crianças em idade pré-escolar*
Beatriz Freire, Marina Rodrigues
- 108** *O que (não) se entende por texto expositivo nos manuais de Português?*
Fausto Caels, Ângela Quaresma
- 119** *A emergência da matemática e a resolução de problemas segundo o modelo de Polya na educação pré-escolar*
Inês Fernandes, Hugo Menino
- 129** *A construção da diferenciação curricular e pedagógica na sala de aula por docentes da Educação Pré-Escolar e 1.º CEB no contexto de uma Oficina de Formação*
Nelson Cardoso, Maria Antónia Barreto
- 139** *Aprendizagem baseada em Jogos (GBL) vs Gamificação - Oportunidades e desafios*
Andreia S. F. Neves, Carla Freire
- 147** *Espaçamentos antes e depois dos sinais de pontuação: um estudo de caso com alunos chineses*
Flávia Coelho, Fausto Caels
- 158** *Um processo de desenvolvimento profissional com vista à inovação de práticas pedagógicas em Ciências: um estudo com alunos do 4.º ano de escolaridade*
Nicole Duarte, Susana Reis, Isabel Rebelo
- 166** *O conceito de criança competente: narrativas e paradoxo discursivo em Educadores de Infância*
Esperança Ribeiro, Cátia Pinho, Sara Felizardo

Prefácio

Um prefácio é sempre um texto preliminar para a leitura de uma obra e, no presente caso, trata-se de uma introdução para a leitura do E-book relativo aos trabalhos apresentados na IX Conferência Internacional de Investigação, Práticas e Contextos em Educação (IPCE).

Em primeiro lugar, congratulo a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria e a equipa organizadora desta edição do IPCE pela realização desta edição. Ao longo de quase uma década, têm contribuído para estimular a interação e partilha de experiências e a divulgação de conhecimentos e práticas em educação.

Em segundo lugar, a realização desta conferência em tempo de pandemia revelou-se num ato de coragem, de afirmação e de compromisso com a ação e missão da instituição – participar e colaborar na identificação e discussão de desafios em educação, consubstanciando o relacionamento de proximidade com as comunidades locais, regionais e internacionais e com o meio sociocultural e profissional dos diversos contextos educativos.

Em terceiro lugar, a conferência e o presente E-Book têm o selo das três Unidades de Investigação (UI) afetas à Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – o CI&DEI, o CICS.NOVA e o CIEQV, numa afirmação de presença na intervenção e no contributo em práticas e políticas públicas de educação. Por isso, importa agradecer a cada uma pela sua cooperação e congratular pelo seu trajeto, num exercício de responsabilidade social e promoção e valorização coletiva do conhecimento, da inovação e da investigação. Estas três UI foram reconhecidas como as que apresentaram maior crescimento percentual em produtividade científica no Politécnico de Leiria, em 2020. Trata-se de um gesto de reconhecimento público justo de um contributo científico importante e com forte significado e que aconteceu, pela primeira vez, na história da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

Por fim, agradeço aos autores dos textos que se seguem e que partilham, tal como eu, da convicção de que um contexto de ensino e aprendizagem enriquecido pela reflexão e pelo questionamento é transformador e promotor da qualidade e equidade em educação.

Sandrina Milhano
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, de Leiria,

Preâmbulo

Palavras não confinadas: Experiências e contexto em educação

Experiência

Quando se parte para a organização de uma conferência, como anualmente acontece para cada edição da **IPCE - Investigação, Práticas e Contextos em Educação**, há escolhas e decisões que já se sabe que vão acontecer: a data em que se vai realizar, os prazos para apresentação de propostas, a composição da comissão científica, os conferencistas a convidar, a organização do programa, etc., etc. A edição de 2020 da Conferência Internacional de *Investigação, Práticas e Contextos em Educação*, a **IX IPCE**, trouxe escolhas e decisões inesperadas, devido à pandemia: desde logo, a decisão primordial sobre o seu cancelamento ou manutenção, no contexto de confinamento em que nos encontrávamos.

A experiência adquirida por meio das edições anteriores permitiu aos organizadores vislumbrar que, mesmo em confinamento, seria possível salvaguardar, também nesta edição, uma marca essencial da conferência IPCE: a publicação dos textos das comunicações – submetidos com as propostas. No confinamento em que estávamos, eram as palavras dos autores que não chegavam a ficar confinadas.

Contexto

No conteúdo dos textos reunidos neste volume, que concretiza a IX IPCE, ainda não se reflete o contexto trazido pela pandemia. Mas foi esse contexto que determinou que a salvaguarda das contribuições previstas para esta edição fosse feita através da palavra escrita.

O prolongamento da pandemia haveria de levar à descoberta de outras vias para assegurar a apresentação das comunicações orais. Generalizaram-se as edições de eventos científicos em que a participação passou a ser realizada a distância, através de videoconferência. Embora “confinados” ao espaço do retângulo visual no ecrã, esta possibilidade devolve-nos a interação síncrona. Contudo, também nos aviva a falta que nos fazem o convívio presencial e todas as dimensões das experiências vividas em conjunto, nos mesmos espaços.

Face a estas novas possibilidades tecnológicas, a palavra escrita manteve as suas características, potencialidades e funções de sempre: vencer o espaço, vencer o tempo. Foi por isso que pôde ser a salvaguarda para que as palavras a dizer na conferência não ficassem confinadas.

Experiências e contexto em educação

Que palavras não ficaram confinadas?

E que palavras não ficaram confinadas e estão aqui, neste volume – tendo vencido não apenas o distanciamento espacial a que estávamos obrigados, mas também o distanciamento (esquecimento) temporal? A que palavras esta publicação vai permitir que sejam reavivadas de cada vez que for feita a sua leitura?

Os títulos, geralmente, revelam, em alguma medida, as palavras dos textos. Se tomarmos o conjunto dos títulos dos textos incluídos neste volume como um *corpus*, algumas palavras adquirem relevo. São 51 títulos, correspondentes a 28 artigos, 16 relatos e 7 posters. Em conjunto, esses títulos somam 638 palavras, sendo 285 palavras diferentes. Se nos focarmos nas palavras lexicais ou plenas, aquelas a que este texto de apresentação deu saliência são as mais frequentes: *experiência* (nove ocorrências), *contexto* (oito ocorrências), *educação* (sete ocorrências).

O recurso a um concordanciador informático revela que, nesse pequeno *corpus*, o termo *experiência* é predominantemente acompanhado à esquerda por *uma* (“uma experiência” – com sete ocorrências), seguindo-se-lhe, à direita, a indicação de um contexto (designadamente, o jardim de infância, a educação pré-escolar, a creche, cursos superiores de turismo), uma qualificação (*educativa, formativa, de participação ativa*), a indicação de um material (*texturas*). Emerge, assim, em torno do termo *experiência(s)*, a procura de inovação em contextos de educação.

Por sua vez, o termo *contexto(s)* permite reforçar e ampliar a especificação dos contextos em que os projetos e intervenções decorreram: a creche e jardim de infância, novamente em relevo, mas também, de forma explícita, o contexto de uma oficina de formação e o contexto museológico.

As coocorrências do termo *educação* confirmam o relevo da educação pré-escolar como um dos eixos que percorrem este volume (cinco das sete ocorrências apresentam esta combinação), surgindo também a referência à Educação Básica (denominação do curso) e à educação em geral.

A relevância dos três termos em que ancorámos esta apresentação, obviamente, não esgota o potencial que o volume, no seu todo, apresenta. Esse potencial, sem nunca ser esgotado, será concretizado pela leitura de cada um dos textos e pela reconstrução que cada um dos leitores deles fizer. Esse é também o poder da escrita: permitir reavivar o texto em cada leitor e em cada leitura. Mesmo que as possibilidades tecnológicas, por meio do registo vídeo, tenham colocado ao alcance resgatar a fala do esquecimento, a escrita facultava-nos mais do que um reencontro com o “dizer” das palavras. Condensa no texto que foi escrito toda a reflexão e procura de elaboração que deu vida às escolhas realizadas no processo. A escrita não implica que as palavras tenham sido ditas, mas implica que tenha existido esse processo criativo e refletido. É essa reflexão que pode ser reavivada pela leitura.

A palavra escrita só fica confinada se não for lida. É essa possibilidade de desconfinamento pela leitura que este volume agora cria. Que a prossecução de novos estudos, de novas experiências em educação encontre na leitura dos textos nele reunidos uma fonte de reflexão e de inspiração para a realização de projetos de investigação científica e de inovação pedagógica em novos contextos!

Luís Barbeiro

Presidente do Conselho Técnico-Científico da ESECS, Politécnico de Leiria

Competências Pessoais e Sociais – Assertividade em Educação

Sónia Alexandre Galinha - CIE-UMa – Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira - FDCTI-RAM-2016; CIEQV – Centro de Investigação em Qualidade de Vida - UIDP/04748/2020; Instituto Politécnico de Santarém

Paula Fortunato Vaz - Centro de Investigação em Educação Básica, Instituto Politécnico de Bragança.

Resumo

Constitui-se como objetivo central apresentar primeiros resultados de um estudo preliminar, com recurso à administração aleatória da Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA), com base numa amostra de 26 estudantes do ensino superior privado português, de vários anos e cursos com foco na Licenciatura de Educação Básica e Mestrados que habilitam para a Docência. Estes primeiros dados quantitativos obtidos encontram-se dentro dos normativos esperados com valores residuais a ter em consideração. A partir desta aplicação, verificou-se que a EAGA é promissora para avaliação da competência em investigação. Verifica-se também uma significativa percentagem de estudantes com comportamentos assertivos nos cursos em estudo. 77% da amostra expressa habitualmente as suas ideias e num tom de voz claro e audível numa relação interpessoal; 69,2% indica defender os seus direitos e fala sempre o tempo necessário para expor as suas opiniões.

Palavras-chave: Assertividade, Competências, Comunicação, Docência, Educação.

Abstract

The main objective is to present the first results of a preliminary study, using the random administration of the Global Assertiveness Assessment Scale (EAGA), based on a sample of 26 students from Portuguese private higher education, from several years and courses focusing on the Basic Education Degree and Masters that qualify for Teaching. These first quantitative data obtained are within the expected norms with residual values to be taken into account. From this application, there was a promising EAGA for assessing research competence. There is also a significant percentage of students with assertive behavior in the courses under study. 77% of the sample usually express their ideas and in a clear and audible tone in an interpersonal relationship; 69.2% indicate defending their rights and always speak the time necessary to express their opinions.

Keywords: Assertiveness, Skills, Communication, Teaching, Education.

INTRODUÇÃO

As competências pessoais e sociais assumem cada vez mais importância no desenvolvimento psicológico do sujeito humano e em especial em processos de desenvolvimento marcantes e ou de transição nos diferentes contextos educativos, como é o caso da frequência do ensino superior, onde uma diversidade de tarefas de desenvolvimento e de acontecimentos de vida confrontam o sujeito com a necessidade de adaptação, solicitando recursos pessoais e do meio (Pereira, Motta, Vaz, Bernardino & Melo, 2006; Dixe et al. 2010). A assertividade é concebida como um comportamento bilateral que enfatiza a importância de considerar os desejos, pensamentos e sentimentos, quer do emissor, quer do recetor da mensagem assertiva (Vagos, 2019).

METODOLOGIA

Nesta linha, constitui-se como objetivo central realizar um estudo preliminar, com recurso à aplicação da Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA), com base numa amostra de estudantes do ensino superior privado português, de vários anos e cursos (Licenciatura de Educação Básica e Mestrados que habilitam para a Docência).

Participantes

Participaram neste projeto 26 estudantes, do género feminino, com idades compreendidas entre os 19 e os 23 anos de idade, as primeiras voluntárias respondentes, numa distribuição amostral aleatória onde a probabilidade de adesão à partida seria desconhecida. Não se obteve respostas de participantes do género masculino. Garantiu-se anonimato e confidencialidade.

Instrumentos

Para avaliar o grau de competência na assertividade, as inquiridas responderam à EAGA entregue a cada participante. A EAGA de Jardim e Pereira (2006) é uma escala de auto registo de resposta fechada tipo Likert de cinco pontos (1- nunca, 2-raramente, 3- algumas vezes, 4- frequentemente, 5- sempre) composta por oito itens:

- Habitualmente expresso as minhas ideias.
- Numa situação de conflito, costumo saber quando devo ser firme e não devo ceder.
- Habitualmente defendo os meus direitos.
- Quando me pedem alguma coisa que não me convém, sei recusar.
- Quando estou em desacordo com alguém, exprimo-o de modo convincente.
- Normalmente, falo o tempo necessário para expor as minhas opiniões.
- Costumo falar num tom de voz claro e audível.
- Quando me sinto ofendido, manifesto-o diretamente à pessoa interlocutora.

Procedimento

A EAGA foi administrada com disponibilidade do questionário às potenciais respondentes, que aderiram ao estudo de forma voluntária. Os questionários foram aplicados em contexto exterior à sala de aula, em contexto de formação sob a forma de evento científico, onde estas inquiridas estavam inscritas e participaram, garantindo-se o anonimato e a confidencialidade das participantes que preenchessem este questionário. As inquiridas estavam matriculadas em Instituições de Ensino Superior privadas portuguesas no ano letivo 2019/2020. Verificou-se que todos os itens foram devidamente respondidos de forma ponderada e assinalados na folha de respostas, à exceção do item 4, onde uma resposta não foi efetivamente assinalada pela inquirida.

RESULTADOS

Estes primeiros dados quantitativos obtidos encontram-se dentro dos normativos esperados com valores residuais a ter em consideração. Pode-se observar (tabela 1): a maioria das inquiridas (77%) expressa habitualmente as suas ideias e 23% frequentemente. Contudo, numa situação de conflito, 85% raramente costuma saber quando deve ser firme e não deve ceder. Neste item apenas 15% refere saber sempre quando ser firme e não ceder. Da nossa amostra 69,2% indica defender os seus direitos habitualmente. Outro dado: 50% das inquiridas sabe recusar quando lhes pedem alguma coisa que não vá ao encontro das suas ideias. 30,8% nunca sabe recusar alguma coisa que não lhe convém. 15% sabe sempre recusar alguma coisa quando não lhe convém. Por outro lado, 50% sabe sempre exprimir quando está em desacordo com alguém e 50% raramente sabe exprimir quando está em desacordo com alguém. Outra análise permite-nos observar que 69,2% das inquiridas fala o tempo necessário para expor as suas opiniões e 30,8% frequentemente. 77% fala sempre num tom claro e audível. Apenas 23% fala num tom claro e audível algumas vezes. 11,5% da amostra quando se sente ofendida, nunca o manifesta diretamente ao interlocutor/a e 38,5% manifesta-o.

Tabela 1. Resultados obtidos a partir da EGAA

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
Expresso habitualmente as minhas ideias.	0,0% (n=0)	0,0% (n=0)	0,0% (n=0)	23% (n=6)	77% (n=20)
Numa situação de conflito, costumo saber quando devo ser firme e não devo ceder.	0,0% (n=0)	85% (n=22)	0,0% (n=0)	0% (n=0)	15% (n=4)
Habitualmente defendo os meus direitos.	0,0% (n=0)	0,0% (n=0)	0,0% (n=0)	30,8% (n=8)	69,2% (n=18)
Quando me pedem alguma coisa que não me convém, sei recusar.	30,8% (n=8)	0,0% (n=0)	50% (n=13)	0,0% (n=0)	15% (n=4)
Quando estou em desacordo com alguém, exprimo-o de modo convincente.	0,0% (n=0)	50% (n=13)	0,0% (n=0)	0,0% (n=0)	50% (n=13)
Normalmente, falo o tempo necessário para expor as minhas opiniões.	0,0% (n=0)	0,0% (n=0)	0,0% (n=0)	30,8% (n=8)	69,2% (n=18)
Costumo falar num tom de voz claro e audível.	0,0% (n=0)	0,0% (n=0)	23% (n=6)	0,0% (n=0)	77% (n=20)
Quando me sinto ofendido, manifesto-o diretamente à pessoa que me ofendeu.	11,5% (n=3)	0,0% (n=0)	50% (n=13)	0,0% (n=0)	38,5% (n=10)

CONCLUSÕES

Neste estudo preliminar, destacam-se os seguintes pontos:

A partir desta aplicação, verificou-se a EAGA promissora para avaliação da competência em investigação. Verifica-se também uma significativa percentagem de estudantes com comportamentos assertivos nos cursos em estudo.

A maioria das respondentes expressa habitualmente as suas ideias mas apenas 15% numa situação de conflito, costuma saber quando deve ser firme e não deve ceder; a maioria habitualmente defende os seus direitos; porém 15% sempre quando lhe pedem alguma coisa que não convém sabe recusar. Metade da amostra sempre quando está em desacordo com alguém exprime-o de modo convincente; a maioria fala sempre o tempo necessário para expor as suas opiniões e afirmam habitualmente falar num tom de voz claro e audível, mas apenas 38,5% sempre que se sente ofendida, manifesta-o diretamente ao interlocutor/a.

Sendo a assertividade uma atitude de comunicação necessária à vida dos grupos e à defesa da integridade, e preditiva dum quadro relacional associado ao bem-estar dos sujeitos e ao seu desenvolvimento psicológico, os dados apontam para uma necessidade de otimização da assertividade nos sujeitos, em especial em quadros de situação de conflito, recusa e ofensa onde se observam valores residuais. Este estudo preliminar à aplicação mais alargada deste questionário a estudantes do ensino superior de diversos cursos e áreas apresenta um tamanho amostral reduzido, o que limita a generalização dos resultados obtidos. Defendemos como Jardim e Pereira (2006) e Vagos (2019) o desenvolvimento desta competência nas práticas educativas e novas investigações de inferência estatística com amostras mais alargadas. Será deste modo pertinente a continuidade do estudo, com uma amostra mais alargada, selecionada aleatoriamente por curso e ano.

Referências bibliográficas

- Dixe, M. A., Custódio, S. M., Catarino, H. C., Ventura, M. C., Loreto, D. C., Carrasqueira, N. F., et al. (2010). Competências Pessoais e Sociais dos estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, N.º 3. ISSN: 0214-9877. pp. 17-25.
- Jardim, J. & Pereira, A. (2006). *Competências pessoais e sociais: Guia prático para a mudança positiva*. Porto: Edições ASA.
- Pereira, A. M., Motta, E., Vaz, A., Pinto, C., Bernardino, O. & Melo, A. C. (2006). Sucesso e desenvolvimento psicológico no Ensino Superior: Estratégias de intervenção. *Análise Psicológica*, 1 (XXIV), 51-59.
- Vagos, P. (2019). Assertividade. *Empreendipédia*. In J. Jardim & J.E. Franco (Dir.). Lisboa: Gradiva. pp. 40-42.